

de Campos Coelho e Sousa, Lisboa, Oficina de Francisco Borges de Sousa, 1783), **Assentos da Casa da Suplicação** (*Collecção Chronologica dos Assentos das Casas da Supplicação e do Cível. Segunda edição, augmentada com 33 Assentos* (...), Coimbra, Na Real Imprensa da Universidade, 1817) ou **Cortes** (*Memórias e Alguns Documentos para a História e Teoria das Côrtes Geraes que em Portugal se Celebraram pelos Três Estados do Reino*, Parte 1ª, ed. do Visconde de Santarém, Lisboa, Imprensa de Portugal-Brasil, 1924).

Por fim, aí se podem encontrar, ainda, conjuntos mais alargados e variados de legislação (*Resumo Chronológico das Leis mais Uteis no Foro e Uso da Vida Civil, publicadas até ao presente anno de 1818*, org. por Manuel Borges Carneiro, 3 Tomos, Lisboa, Imprensa Régia, 1818-1820; *Synopsis Chronologica de Subsídios ainda os mais Raros para a Historia e Estudo Critico da Legislação Portuguesa*, org. por José Anastácio de Figueiredo, Lisboa, Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1790; «Instituições de direito civil portugueses», org. por Pascoal Freire de Mello, publ. por *Boletim do Ministério da Justiça*, 155 (1966), 5; 156 (1966), 69; 161 (1966), 89; 162 (1967), 31; 163 (1967), 5; 164 (1967), 5; 165 (1967), 39; 166 (1967), 4; 168 (1967), 27; 170 (1967), 89; 171 (1967), 68; *Collecção Chronologica da Legislação Portuguesa*, org. por J. J. A. Silva, Lisboa, Imprensa de J. J. A. Silva, 1854-1859; *Remissoens das Leys Novissimas, Decretos, Avisos, e mais disposicoens* (...), org. por José Roberto M. C. C. e Sousa, Lisboa, Officina de João Antonio da Silva, 1778).

Importa assinalar, contudo, que nesta primeira fase não foram publicadas colecções manuscritas de legislação, nem foram privilegiados o direito ultramarino e o direito canónico (muito embora no *site* se encontrem normas deste tipo). Por seu turno, algumas das funções de inventariação e de pesquisa não estão ainda disponíveis. Ainda assim, e dada a relevância deste instrumento de trabalho, optou-se por torná-lo já acessível.

Pedro Cardim e Ângela Barreto Xavier



## COLÓQUIO «CRISTIANISMO NA ÍNDIA: PERCURSOS E PROXIMIDADES»

Por iniciativa dos missionários do Verbo Divino, realizou-se em Fátima, nos dias 3 e 4 de Dezembro de 2005, um Colóquio sobre o cristianismo na Índia. Os 500 anos do nascimento de São Francisco Xavier muito ajudaram para que tal evento se concretizasse.

Propôs-se um grupo de estudiosos e um público sensível à actividade missionária da Igreja visitar territórios, evocar experiências e colocar-se perante desafios que parecem constituir ainda hoje as novas fronteiras do testemunho cristão. Com a abertura de novas rotas em direcção ao Oriente, após a primeira viagem de Vasco da Gama à Índia, o cristianismo deslocou-se também para aquelas latitudes geográficas. Foi o início dum revigoreamento cristão que teve reflexos benéficos numa Europa que então se uniformizava no político, religioso e social.

Os agentes da missão que da Europa partiram, encontraram-se com povos esparsos em diferenciadas culturas que dum passado longínquo transportavam. Deu-se a inevitável

aproximação da cultura ocidental com as culturas orientais. A frente missionária europeia, em contacto com novas línguas, símbolos e crenças, moldadoras dum sem número de povos, entra em reflexão na procura de pedagogias apropriadas para o anúncio da mensagem cristã. Essa missiologia local levou inevitavelmente às primeiras tentativas de aculturação do cristianismo ocidental às tradições religiosas ali encontradas.

O etnocentrismo europeu, perceptível na vertente política, religiosa e cultural, teve sérias dificuldades em avançar para inculturações do evangelho que essas novas situações reclamavam. Arrastaram-se por anos polémicas, confrontos e decisões questionáveis. Foi, sem dúvida, um percurso sinuoso e difícil que muito ajudou a acrisolar o substantivo do evangelho. Ao patamar de proximidade desejável chegar-se-ia após processos de aculturação demorados, mas que o tempo demonstraria serem imprescindíveis para um equilibrado anúncio cristão. Desde Marco Pólo, o Oriente, com as viagens do século XVI, apesar dum sem número de vicissitudes históricas, nunca estivera tão perto do Ocidente; esse crescendo de aproximação, motivado por causas várias, deu-se, por inúmeras pessoas que, motivados pela fé, quiseram avançar para frentes inóspitas, dando-se ao anúncio cristão.

Essas realidades de ontem e preocupações de hoje congregaram cerca de 150 participantes para escutar alguns especialistas portugueses e indianos que ofereceram uma visão global da Índia no referente à sua história, riqueza cultural e religiosa, potencialidades económicas e papel político e estratégico no mundo actual. A sessão de abertura contou com a presença de D. Serafim Ferreira e Silva, bispo de Leiria-Fátima, o Pe. José Leitão, provincial dos Missionários do Verbo Divino, a Prof. Doutora Natália Guedes, comissária das Comemorações dos 500 anos do nascimento de São Francisco Xavier, o Dr. Mohit Yadav, representante da Embaixada da Índia e o Prof. Doutor Narana Coissoró, presidente do Instituto do Oriente e da Casa de Goa.

Coube ao Prof. Engenheiro Eugénio Viassa Monteiro iniciar os trabalhos com uma exposição sobre a actual situação sociopolítica e económica da Índia, um país com imensas potencialidades e que se encontra numa fase de mudança e crescimento económico. Thomas Malipurathu dissertou sobre a presença e acção dos Missionários do Verbo Divino na Índia, destacando a sua proximidade à população mais carente e o seu desempenho no diálogo inter-religioso.

O Prof. Doutor Luís Filipe Thomaz assinalou o percurso histórico do cristianismo na Índia, referindo o apóstolo São Tomé como possível iniciador da evangelização naquele território; no século XVI, a missionação conheceu outros desenvolvimentos com a chegada dos portugueses. A acção de Francisco de Xavier foi nessa altura fundamental para a expansão do cristianismo no Oriente. Nesse primeiro dia foi ainda apresentado um painel sobre as religiões da Índia. O Dr. Ashok Hansraj, da comunidade Hindu, expôs de forma sucinta os princípios doutrinários e os principais costumes do Hinduísmo. Filipe Thomaz sintetizou os traços da presença islâmica na Índia; o Pe. Devendra Bhuriya falou da religião tradicional da sua tribo, os Bhil da Índia central.

O segundo dia do colóquio iniciou-se com uma conferência proferida pelo cardeal Ivan Dias, arcebispo de Bombaim, que dissertou sobre a Igreja Católica e o presente diálogo inter-religioso na Índia. Foi notória a advertência dirigida à comunidade cristã para que assumia abertura de mente e de espírito, reconhecendo, de uma vez por todas, o bem existente nas outras religiões. O Prof. Doutor Teotónio de Souza fez uma exposição sobre a fraternidade num sistema de castas. Referiu a origem desse sistema de organização social e assinalou os problemas que enfrenta perante as novas realidades sociais e políticas, mormente perante os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade que a própria constituição

indiana diz defender. Na parte final desse segundo dia, um painel deu particular relevo ao papel da mulher na evangelização da Índia. A Prof. Doutora Maria de Jesus dos Mártires Lopes referiu o cristianismo vivido na cidade de Goa nos séculos XVIII e XIX. Emmie Vas, religiosa indiana, deu a conhecer o trabalho da sua congregação – Missionárias Servas do Espírito Santo – nas diferentes áreas da sua intervenção. Finalmente, Aura Miguel, da Rádio Renascença, encerrou o painel, ressaltando a exemplaridade da Madre Teresa de Calcutá que definiu como “mulher profundamente feminina, missionária e fecunda”.

Uma noite cultural foi proporcionada aos participantes do colóquio. Danças e cantares executados por grupos indianos evidenciaram aspectos lúdicos e culturais, respeitavelmente apreciados pela assistência.

*David Sampaio Barbosa*



### COMEMORAÇÕES DA CHEGADA A BRAGA DO ARCEBISPO D. DIOGO DE SOUSA

Várias entidades colaboraram na evocação dos quinhentos anos da chegada a Braga (a 22 de Novembro de 1505) do insigne arcebispo D. Diogo de Sousa: a Arquidiocese, a Câmara Municipal, o Cabido, a Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, o Colégio D. Diogo de Sousa, a Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva e ainda muitas escolas e colégios, instituições públicas, museus e associações culturais e artísticas. Percebeu-se bem que D. Diogo de Sousa permanece vivo na memória bracarense, por ser o homem do renascimento e do humanismo, pelo abrir de ruas e praças no exterior da muralha medieval que cintava a cidade, pelo alastrar do ensino, pelo seu vigor legislativo, pela inovação no campo artístico...

Por entre as celebrações, destaque para o simpósio, genericamente designado: “D. Diogo de Sousa e o seu tempo”. Serviu para se colocar o Arcebispo no contexto cultural do Renascimento e para se falar do humanismo em Portugal; também para se conhecer “O Senhorio de Braga no Primeiro Terço do Séc. XVI” (ou não fora Braga a cidade dos Arcebispos...); ainda para se focar a obra legislativa, urbana, caritativa e pastoral de tão ilustre Prelado.

Para além do simpósio, organizou-se uma exposição bibliográfica e fotográfica intitulada “D. Diogo de Sousa e a sua época”; e – como poderia o Renascimento dispensá-la?! – ouviu-se música, três concertos, assumidos pelo Grupo de Câmara de Esposende (que resolveu fazer “Uma Viagem pela Renascença”), pela *Capella Bracarensis* e pelo Coro Gregoriano de Braga.

Referências ainda para uma Eucaristia solene, na Catedral, em homenagem a D. Diogo de Sousa, presidida pelo Arcebispo Primaz D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga; para uma exposição de trabalhos de alunos do Colégio D. Diogo de Sousa; para a apresentação, no mesmo Colégio, de uma peça de teatro: “D. Diogo de Sousa e a sua época”; para uma conferência sobre “A Literatura na Época de D. Diogo de Sousa”; para um cortejo, que envolveu várias escolas e colégios e que serviu à “Recriação da Recepção a D. Diogo de Sousa”... E não faltou a deposição de uma coroa de flores junto ao túmulo do benemérito Arcebispo, senhor da Cidade e pastor da Igreja.